



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

**KARIN BOYE**

---

KALLOCAÍNA



KARIN MARIA BOYE nasceu em Gotemburgo, na Suécia, a 26 de outubro de 1900, no seio de uma família abastada, que se mudou para Estocolmo em 1909. Aí, Karin estudou na Åhlnska Skolan, uma escola para raparigas. Entre 1921 e 1926, frequentou a Universidade de Uppsala, onde estudou História da Literatura, Línguas Escandinavas e Grego, e integrou a Clarté, uma organização de estudantes socialistas que lutava contra o fascismo. Neste período, envolveu-se na produção dos jornais da organização, bem como no *Social-Demokraten* e no *Arbetet* enquanto escritora e crítica, e publicou o seu primeiro livro de poemas, intitulado *Moln* (1922). Em 1929, casou com um dos membros da Clarté, Leif Björck. Terminados os estudos em Uppsala, ingressou no curso de História na Universidade de Estocolmo. Em 1931, juntamente com Erik Mesterton e Josef Riwkin, fundou uma revista dedicada à poesia: *Spektrum*, que dá a conhecer T. S. Eliot — cujas obras Boye traduziu — e os surrealistas aos leitores suecos. Foi nesse mesmo ano que publicou o seu primeiro romance, *Astarte*, a que se seguiram vários livros, como o romance *Kris*, onde retrata a sua crise religiosa e a sua orientação sexual, e a distopia *Kallocain*, *Kallocaina* na tradução portuguesa, que antecede *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, de George Orwell, em nove anos, e que terá sido inspirada pela viagem de Boye à Alemanha entre 1932 e 1933, altura em que o Partido Nacional-Socialista de Hitler se afirmou como maior força política nas eleições federais. Nessa estada, já separada do marido, conhece Margot Hanel, com quem assumiu a sua homossexualidade e partilhou a vida até ao fim dos seus dias. O regresso à Suécia fica marcado pela demissão do cargo de editora da revista que fundou, ganhando o seu sustento com traduções e contos que publicava em revistas. Durante breves anos, nos quais trabalhou como professora, os períodos de depressão profunda agudizaram-se e, em 1941, aos quarenta anos, suicidou-se.

IVAN FIGUEIRAS nasceu em 1984, em Angra do Heroísmo, e concluiu o mestrado e o doutoramento em Estudos Clássicos na Universidade de Lisboa, tendo-se especializado na edição e tradução de textos latinos medievais. Posteriormente, dedicou-se à tradução literária e tem vertido para português obras de ficção e não ficção em vários idiomas, nutrindo uma paixão especial pelas línguas e literaturas islandesa, sueca, norueguesa e gaélica.

DAVID MCDUFF é tradutor. Entre os livros que traduziu para a coleção Penguin Classics incluem-se *Crime e Castigo*, *Os Irmãos Karamázov* e *O Idiota*, de Dostoiévski, e os contos de Isaak Babel.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
Kallocaína: Romance do século XXI	1
NOTA DO CENSOR	195

## INTRODUÇÃO

«Estou com medo», disse a poetisa, romancista e ensaísta sueca Karin Boye ao seu amigo, o escritor Harry Martinson, quando os dois discutiram o aclamado romance dela, *Kallockáina* (1940), no último encontro que tiveram. A mãe, depois de ter lido o livro, disse-lhe que ela o havia «feito bem». «Achas que *eu* o fiz?», foi a resposta.<sup>1</sup>

O medo da autora prendia-se em parte com o contexto político: estava preocupada com a possibilidade de o seu livro chamar a atenção da polícia de segurança da Suécia neutra, que andava à espreita de indícios de qualquer coisa que pudesse suscitar uma invasão do país pela Alemanha nazi. Considerou inclusivamente rever a obra e atribuir a todas as personagens nomes chineses (que, na versão publicada, só algumas têm), na esperança de que isso tivesse o efeito de «neutralizar» o texto. Felizmente, o perigo foi evitado, e o livro passou quase despercebido às autoridades suecas. Não obstante, no início de 1940, o cidadão sueco comum tinha de ter cuidado com quem e sobre o que falava — e até com os livros que comprava e lia. Os escritores precisavam de ser ainda mais cautelosos com o que davam à estampa.

A inquietação de Boye refletia também o mistério de ter conseguido escrever um romance de ficção científica diferente de tudo o que produzira antes, e diferente de quase tudo o que surgira na literatura sueca anterior. De alguma forma, a guerra que estava a submergir a Europa espoletara algo dentro dela que lhe permitiu

criar uma visão da humanidade escravizada, uma alegoria onírica e grotesca, mas imediatamente reconhecível para quem estivesse então a passar pela crise internacional.

*Kallocaína* foi a última grande obra de Karin Boye, que nasceu no ano de 1900 e escreveu durante as décadas de 1920 e 1930. Nesses anos, o «raciocínio glacial» de Hitler e a «dialética impiedosa» de Estaline começaram a dominar o panorama político e intelectual, e o romance foi uma das reações internacionais de horror perante o que estava a acontecer na Europa. Quando foi publicado pela primeira vez, o livro granjeou recensões extremamente positivas. O poeta modernista Artur Lundkvist descreveu-o como sendo «de classe internacional», ao passo que outros o caracterizaram como uma «obra de arte», com um crítico a sugerir que, no seu romance, ela injetara uma dose de *Kallocaína*, a droga da verdade, no mundo de 1940 e «permitiu-lhe revelar as suas mais recônditas tendências».<sup>2</sup>

Os primeiros textos de Boye tinham um carácter subjetivo: na sua maioria, poesia meditativa que refletia sobre uma viagem interior rumo a Deus ou à realização e transformação pessoais. Em parte devido a pressão económica, começou a escrever ficção e recensões para revistas literárias. Fez também traduções literárias, incluindo *A Montanha Mágica* (1924), de Thomas Mann, uma obra que mais tarde criticaria pelo seu foco masculino, e o romance de realismo social *Cement* (1925), do escritor soviético Fiódor Gladkov, que Boye traduziu do alemão, uma língua que dominava com fluência quase nativa e falava com apenas um ligeiro sotaque sueco. Ao mesmo tempo, envolveu-se nas políticas socialistas do grupo Stockholm Clarté, cujos membros incluíam o poeta Gunnar Ekelöf e o escritor, crítico e tradutor Erik Mesterton. Em 1928, fez uma visita de estudo à União Soviética na companhia de alguns deles. Após esta viagem, que parece ter consistido sobretudo numa monótona peregrinação por várias instituições estatais, fábricas e quintas coletivas, Boye ficou desiludida com a vida e a política soviéticas.

Pouco a pouco, afastou-se dos objetivos e da visão do grupo, concentrando-se na escrita e publicação de uma série de romances, bem como em várias coletâneas de poesia. Com Mesterton, editou a revista literária vanguardista *Spektrum*, inspirada no surrealismo francês, no imagismo de T. S. Eliot e Ezra Pound, e também no freudianismo literário. Com a ajuda de Mesterton, traduziu *A Terra Devastada*, de Eliot, tendo depois feito as suas primeiras experiências de psicanálise (que continuaria até à morte), as quais estavam ligadas ao desejo de confrontar a sua própria identidade homossexual e bissexual de uma forma que a tornasse livre e independente. Na sua maioria, tiveram lugar em Berlim, sob supervisão médica profissional, e levaram-na a terminar o seu casamento heterossexual e embarcar numa relação com uma jovem mulher alemã judia, Margot Hanel, com quem viveria, mais ou menos, até ao fim da vida.

Durante as suas visitas a Berlim no início da década de 1930, Boye testemunhou em primeira mão a ascensão do nazismo. Numa ocasião, assistiu, na companhia do crítico Wilhelm Scharp, a um grande comício eleitoral no Sportpalast, onde Hermann Göring proferiu um discurso repleto de retórica demagógica. Segundo a sua biógrafa Margit Abenius:

Scharp observou Karin, que, com o braço esticado no ar, fazia a saudação hitleriana, parecendo completamente fascinada. Não fazer aquele gesto podia custar a vida a uma pessoa — nada mais nada menos.<sup>3</sup>

Todas estas experiências confluíram na escrita de *Kallockáina*, que Boye parece ter iniciado no final do outono de 1939. «Sim, têm sido tempos estranhos», escreveu ela a um colega norueguês na primavera de 1940, no contexto da invasão e ocupação alemã da Noruega, «as paixões políticas têm convertido velhos amigos em inimigos e causado crises nervosas nos jovens...» Mencionava um «ponto baixo» temperado pela «consciência de que os valores

que possuímos — em comum — são os mais preciosos de todos e os que mais facilmente se perdem». Foi neste contexto que Boye criou o seu romance distópico, no qual retratava não só acontecimentos mundiais marcantes, mas também os seus efeitos destrutivos em seres humanos individuais.

Na Europa e na América do Norte, o romance distópico estabeleceu-se como género literário no início do século xx. Embora os seus antecedentes incluam as obras proféticas e especulativas de autores oitocentistas, como Jules Verne (*Paris no Século XX*) e Imre Madách (*Az ember tragédiája*, «A Tragédia do Homem»), a parábola política e teológica do Grande Inquisidor no romance de Dostoiévski, *Os Irmãos Karamázov*, e as fantasias futuristas de H. G. Wells (*A Máquina do Tempo*, *A Guerra dos Mundos*, *Os Primeiros Homens na Lua*), só em 1924, com a publicação de uma tradução inglesa do romance *Nós*, do autor soviético Evgueni Zamiatine, o género surgiu na sua forma moderna, como atestam também obras como *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, *Isso Não Pode Acontecer Aqui* (1935), de Sinclair Lewis, *1984* (1949), de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury.

A crítica Erika Gottlieb caracterizou a ficção distópica (o termo data do início dos anos 1950) como um «género pós-cristão»<sup>4</sup>, querendo com isto dizer que, nas obras distópicas, o conflito religioso histórico entre salvação divina e a danação foi substituído por um confronto secular: entre a visão de uma liderança iluminada ao serviço da justiça social e um pesadelo ditatorial de repressão política e pessoal. Embora não seja mencionada no estudo de Gottlieb, *Kallosáina* apresenta quase todos os traços característicos do género distópico. Em particular, nas palavras de Gottlieb, mostra «o protagonista [de] um derradeiro julgamento» em confronto com o «Grande Inquisidor» de uma autoridade secular e totalitária, expressando indiretamente também o receio de que os intelectuais do Ocidente estejam demasiado dispostos a perdoar as ditaduras soviética e nazi, recusando reconhecer que



o Estado soviético se baseia no terror, tal como o seu alegado adversário, o nazismo.

Com o subtítulo «Um romance do século XXI», a obra, tal como outros livros do género, retrata um futuro totalitário que é na verdade uma advertência para os perigos do presente — no caso de *Kallocaína*, a Segunda Guerra Mundial. Em 1939, o acordo entre a Alemanha e a União Soviética conhecido como Pacto Nazi-Soviético foi assinado por Ribbentrop e Molotov. Nos dois anos que se seguiram, a liderança nazi trabalhou de mãos dadas com o governo soviético, dividindo e invadindo a Polónia, e formando uma aliança antiocidental encabeçada por Hitler e Estaline. A paisagem mecanizada e desumanizada de *Kallocaína* é um compósito, possuindo quer os traços da sociedade nazi quer os da soviética: aqui, elementos de biologia racial coexistem com rígidas distinções de classe, ambos com o mesmo intuito de eliminar a consciência individual. Karin Boye lera a obra de Zamiatine e Huxley, e o seu Estado Mundial totalitário e multiétnico exhibe elementos familiares de *Nós* e *Admirável Mundo Novo* — porém, a sua narrativa tem uma urgência associada a uma conjuntura histórica nova e específica: o rebentar da Segunda Guerra Mundial e uma realidade que parece ao mesmo tempo imprevisível e assustadora.

Posteriormente, no seu ensaio sobre o romance, Ekelöf descreveu o ambiente geral da época:

A *Kallocaína* de Karin Boye apareceu em 1940, naquele que talvez tenha sido o outono mais sombrio das democracias, um ano desastroso para um livro assim. Espanha estava a preparar o terreno para a longa série de depredações políticas e militares, a Batalha da Grã-Bretanha estava a decorrer, a guerra na Grécia, a começar. Esquina sim, esquina não, reluziam os vergonhosos cartazes laranja, e as pessoas preferiam evitar ouvir rádio alemã. Muitos estavam a habituar-se à ideia de que só haveria futuro debaixo da terra.<sup>5</sup>

O tom e a dicção do texto espelham o processo paulatino de alienação que ele descreve: uma grande parte da narrativa auto-diegética de Leo Kall está escrita num estilo desapegado, sem emoção, que por vezes relembra as narrativas de Kafka. Estas memórias secretas de um burocrata dedicado e cientista governamental mantêm uma indiferença impessoal (*kall* é o adjetivo sueco para «frio», «distante») que só é quebrada ocasionalmente por cenas e pormenores que sugerem a existência de uma outra vida abaixo da superfície, onde os seres humanos realmente vivem, amam e sofrem. Na paisagem desolada e dantesca do romance, Boye cria um mundo meticulosamente descrito. Vemos «olhos da Polícia» e «ouvidos da Polícia» — câmaras e microfones — nas paredes de casas e apartamentos, os sistemas de fichas da Polícia e dos serviços secretos, o interior de uma aeronave, uma comuna de dissidentes e resistentes, um refeitório gerido pelo Estado. O motor do enredo é a história da «droga da verdade» desenvolvida por Kall, a Kallocaína, que provavelmente tem origem na cobertura que a imprensa fez dos julgamentos de fachada em Moscovo no ano de 1937, nos quais as confissões dos «trotskistas» e «oposicionistas de direita» haviam alegadamente sido induzidas por drogas (a escopolamina, o «soro da verdade», era mencionada várias vezes) ou tortura. Porém, o núcleo da narrativa reside na tensão entre repressão e expressão, interior e exterior, restrição e liberdade. «Tu abriste-me como uma lata de conserva, à força», diz a esposa de Kall, Linda, ao marido, num eco da afirmação da própria autora numa carta a um conhecido, segundo a qual «todos os seres humanos querem ser abertos à força como latas de conserva, *querem* abrir-se a si mesmos». Reor, o «grande homem», objeto de um mito que sustenta a comunidade de dissidentes e proscritos que vive sob a superfície do Estado Mundial, existe na memória deles como uma figura semelhante a Cristo, o centro de algo que relembra uma religião, reprimido e perseguido pelas autoridades. É um símbolo de abertura e liberdade, suspenso no tempo e o oposto da rígida armadura metálica do Estado.

*Kallocaína* reflete um mundo onde não se pode confiar em ninguém — com o colapso da democracia, todos estão à mercê de dois estados, dois sistemas de valores e crenças totalitários que ameaçam esmagar o indivíduo e obliterá-lo por completo. Devido à ausência de confiança, as relações humanas, a amizade ou o casamento, não oferecem qualquer socorro: com a entrada em vigor de novas leis contra crimes do pensamento possibilitadas por esta droga, Kall prevê «colegas de trabalho a denunciarem colegas de trabalho, maridos a denunciarem as esposas, e esposas a denunciarem os maridos, subordinados a denunciarem os chefes, e chefes a denunciarem subordinados». Em pano de fundo, espreita a história apócrifa de Pavlik Morozov, o rapaz soviético de treze anos que, em 1932, teria denunciado o pai às autoridades e sido morto pela própria família. Existe também uma consciência do destino dos poetas, escritores e artistas na União Soviética e na Alemanha nazi. Quando escreveu o livro, Boye não sabia da derradeira sorte dos judeus na Alemanha e na Europa ocupada pelos nazis, e essa dimensão encontra-se ausente da narrativa, embora haja alusões a algo desse tipo nas referências esporádicas aos «povos fronteiriços». Ekelöf, o amigo de Boye, também viu uma profecia da destruição de Hiroshima, meia década antes de ela ter lugar, no sonho que constitui o centro do décimo quarto capítulo, em que Kall caminha por uma cidade em ruínas, envenenada por vapores tóxicos.<sup>6</sup>

A ideia de que talvez seja possível escapar à armadilha moral e existencial do Estado Mundial é evidenciada pelos temas do amor e da emancipação pessoal que atravessam *Kallocaína* e são um motivo constante na poesia e na ficção de Karin Boye<sup>7</sup>, como, por exemplo, no seu romance *Kris* («Crise»), de 1934. O livro traça a evolução emocional e psicológica de uma mulher de vinte anos num seminário luterano, sendo na verdade uma espécie de diário semificcional e semiautobiográfico. Espelha a progressão da própria Boye, de uma psique sob o jugo de uma vontade divina à emancipação da personalidade, à abertura para

o mundo e à resistência a uma estrutura social e educacional opressiva e patriarcal. A história foca-se numa relação homossexual, à medida que Malin Forst, a narradora autodiegética do romance, desenvolve uma paixão pela sua bela colega Siv. A paixão transforma-se gradualmente em algo mais significativo: através do seu envolvimento com Siv, Malin alcança uma libertação do eu e, mediante a crise psicológica, um sentido de identidade pessoal.

Além e por trás da narrativa principal de Leo Kall e da droga da verdade, *Kallocaína* conta também a história de uma mulher, Linda, a esposa de Leo, que encontra o caminho para a liberdade e autenticidade apesar da opressão social e das esmagadoras probabilidades históricas. Linda toma a decisão de seguir o seu coração e juntar-se à comunidade de dissidentes e combatentes da resistência vagamente vislumbrada, mas real. Estabelece também um contacto interior com uma realidade vegetal viva, que cresce como uma planta, minando e subvertendo a superfície inumana do Estado Mundial. Ao fazê-lo, Linda contradiz o sistema mecânico e totalitário dominado por homens — agora encontra-se a caminho de «algum lugar».

A busca de Linda por liberdade e autenticidade reflete uma nota dominante na vida e obra de Boye. A autora viveu numa época em que criar arte que defendia a verdade e a emancipação pessoal poderia ser um ato heroico. Peter Weiss, o escritor, artista e cineasta experimental alemão (que adotou a cidadania sueca), reconheceu-o ao recrear Karin Boye como personagem no terceiro volume do seu romance tripartido *Die Ästhetik des Widerstands* («A Estética da Resistência», 1975-1981). Em 1939, com vinte e dois anos, após alguns períodos a morar com a família em Inglaterra e na Checoslováquia, fugindo da perseguição nazi, Weiss mudou-se para a pequena povoação de Alingsås, perto de Gotemburgo, na Suécia, onde o pai geria uma fábrica têxtil. Naquela altura, era em Alingsås que vivia a teóloga Anita Nathorst, amiga e conselheira de Karin Boye, que visitava

regularmente a cidade para ficar com ela. Aparentemente, durante 1939 e 1940, Boye e Weiss conheceram-se e encetaram uma breve amizade, interrompida quando Boye pôs fim à vida em Alingsås, em 1941. O retrato claro e vívido que Weiss fez dela no seu romance parece baseado na sua experiência real:

Esta mulher, ainda jovem, com uma figura pequena e delicada, um semblante fino e arrapazado, cabelos escuros curtos, olhos escuros e sobranceiras negras carregadas, estava sentada em silêncio ao lado da minha mãe, olhando-a e acariciando-lhe as mãos de quando em quando. Fiquei a saber que se tratava da escritora Boye, que vivia na pensão Bratt. A timidez dela impediu durante muito tempo o início de uma conversa, porém, ela tinha uma devoção quase obstinada pela minha mãe e só no outono, quando veio sozinha e eu a acompanhei até à rua, trocámos algumas palavras e encetámos um diálogo de início hesitante, mas que se foi tornando mais amplo, duradouro — sempre interrompido durante um mês —, até ao final de março de mil novecentos e quarenta e um...<sup>8</sup>

O narrador anónimo de Weiss diz que, a um nível psicológico profundo, Boye queria fundir-se com as massas, mas, no contexto da situação mundial, não se sentia motivada por uma vontade de viver — antes por um desespero crescente e um desejo de desaparecimento e aniquilação. Não obstante, no romance de Weiss, Boye é uma figura heroica que surge ao lado de membros da «Rote Kapelle», ou Orquestra Vermelha, da vida real — cerca de quatrocentas pessoas que resistiam ao regime nazi em vários âmbitos. Muitos destes resistentes tinham contactos na Suécia e moviam-se em segredo entre a Suécia e a Alemanha. No romance de Weiss, Boye é incluída nas suas fileiras como uma corajosa lutadora contra o fascismo que, tal como eles, adquiriu um estatuto quase lendário na história mundial:

O que ela retratava não era uma utopia, como eu presumira, mas uma análise do presente; as mudanças temporais que pareciam causar um corte com a nossa realidade apontavam para o que existia agora. A culpa que ela carregava dentro de si tinha menos que ver com conflitos sexuais do que com o facto de ser cúmplice na incapacidade das pessoas para deter a evolução do Estado para um instrumento de assassínio.<sup>9</sup>

*Kallocaína* é o somatório da carreira poética e literária de Karin Boye, bem como o seu testemunho enquanto ser humano. Ao passo que, nos textos anteriores, procurara construir um cosmos interior, um reino acessível através de poemas semelhantes a hinos que se moviam além e por trás da realidade física, em *Kallocaína*, Boye retratou a realidade do mundo contemporâneo na forma de uma visão onírica e psicanalítica que reproduzia as características da sociedade coletivista, ao mesmo tempo que refletia os conflitos éticos e espirituais em que a sua poesia assentava. Isso deu-lhe a força necessária para desafiar os demónios que se aproximavam no mundo exterior, com a convicção de que a realidade externa era apenas *aparentemente* invencível: o intenso idealismo interior do seu credo poético afirma-se na história de Linda e na sua viagem em direção aos «loucos» — os dissidentes capazes de construir uma sociedade alternativa, mesmo que a sua luta seja travada à custa das próprias vidas. Submetendo-se corajosamente ao destino, porém, os dissidentes sobrevivem e cumprem as condições da frase semelhante a um mantra citada na epígrafe: «A terrível ousadia de uma entrega momentânea.» Para lá do manto de desesperança que por vezes parece envolver o romance, há um vislumbre de esperança. Sob a influência da droga da verdade, Rissen diz:

Eu sou um dente de roda. Sou um ser a que eles tiraram a vida... E, contudo, neste preciso instante, sei que isso não é verdade. É claro que é a *Kallocaína* que me deixa

irracionalmente esperançoso; tudo se torna fácil, claro e tranquilo. Em todo o caso, estou vivo, apesar de tudo o que eles me tiraram, e neste momento sei que *aquilo que sou vai para algum lado*. Vi as forças da morte propagarem-se sobre o mundo em círculos cada vez mais amplos; mas então não devem também as forças da vida ter os seus círculos, embora eu não consiga distingui-los?... Sim, sim, eu sei, é o efeito da Kallocaína, mas não pode, ainda assim, ser verdade?

*David McDuff*

---

NOTAS

<sup>1</sup> Margit Abenius: *Drabbad av renhet* [«Afligida pela Pureza»], Bonniers, 1950), tradução minha. Não existe nenhuma biografia exaustiva de Karin Boye em inglês. Os principais estudos biográficos, por Margit Abenius (*Drabbad av renhet*) e Johan Svedjedal (*Den nya dagen gryr* [«Nasce o Novo Dia»] Wahlström & Widstrand, 2017), ainda aguardam tradução. Uma breve biografia em inglês serve de introdução a *Karin Boye: Complete Poems* (Bloodaxe, 1994).

<sup>2</sup> Citado em Svedjedal, *op. cit.*

<sup>3</sup> Abenius, *op. cit.*

<sup>4</sup> Erika Gottlieb, *Dystopian Fiction East and West: Universe of Terror and Trial*, McGill-Queen's University Press 2001.

<sup>5</sup> Gunnar Ekelöf, «Kallocaín», in *Blandade kort*, Bonniers, 1957.

<sup>6</sup> Ekelöf, *op. cit.*

<sup>7</sup> O conceito de amor de Boye deriva do budismo e do misticismo sufi, abrangendo um vastíssimo espectro de experiência, pensamento e emoção. Em última análise, tratava-se de um conceito semirreligioso que apelava a figuras como Dag Hammarskjöld, secretário-geral das Nações Unidas, que mencionou, discutiu e citou a poesia de Boye nos seus diários. Ver Dag Hammarskjöld, Leif Sjöberg e W. H. Auden (trad.), *Markings*, Faber & Faber, 1964.

<sup>8</sup> Peter Weiss, *Die Ästhetik des Widerstands* [«A Estética da Resistência»], Suhrkamp, 1975-1981, tradução minha.

<sup>9</sup> Peter Weiss, *op. cit.*, tradução minha.

Kallocaína:  
Romance do século XXI



*The awful daring of a moment's surrender  
By this and this only we have existed.*

T. S. ELIOT, *The Waste Land*

Este livro que agora me sento a escrever parecerá desprovido de sentido a muitos — se é que ousou sequer supor que muitos terão oportunidade de o ler —, uma vez que início semelhante tarefa inteiramente por minha vontade, sem que ninguém mo tenha ordenado, e que, todavia, não me é bem claro qual o seu propósito. Quero e tenho de fazê-lo, é tudo. Indaga-se de forma cada vez mais inexorável o propósito e o método do que é feito e dito, para que nenhuma palavra seja proferida ao acaso — só o autor deste livro se viu obrigado a seguir o caminho contrário, o da inutilidade. Apesar de os meus anos aqui como prisioneiro e químico — já serão mais de vinte, creio — terem sido suficientemente repletos de afazeres e urgências, deve existir algo em mim que considera que isso não basta e que tem discernido e conduzido um outro trabalho que eu próprio não tive possibilidade de discernir, mas pelo qual, não obstante, desenvolvi um interesse profundo e quase doloroso. Esse trabalho ficará concluído quando tiver terminado o meu livro. Estou ciente, pois, de quão descabidos os meus escritos se afigurarão a qualquer mente racional e prática, mas, ainda assim, escrevo.

Talvez outrora não tivesse ousado fazê-lo. É até possível que tenha sido a prisão a tornar-me imprudente. As minhas condições de vida atuais pouco diferem daquelas em que vivia quando era um homem livre. A comida aqui revelou-se quase imperceptivelmente pior — uma pessoa habitua-se. A tarimba é um tanto mais dura do que a minha cama na Cidade Química n.º 4 — uma pessoa

habitua-se. Saio um pouco mais raramente para o ar livre — uma pessoa também se habitua. O pior foi a separação da minha esposa e dos meus filhos, sobretudo porque não soube, nem sei, que destino tiveram; isso encheu de apreensão e angústia os meus primeiros anos de cativo. Mas, com o passar do tempo, fui-me sentindo mais tranquilo e até cada vez mais satisfeito com a minha existência. Aqui não havia nada que me causasse ansiedade. Não tinha subordinados nem chefes — à exceção dos guardas prisionais, que raramente perturbavam o meu trabalho e cuja única preocupação era que eu observasse as regras. Não tinha protetores nem rivais. Os cientistas com os quais me era permitido reunir de vez em quando, para que pudesse acompanhar as novas descobertas na área da Química, tratavam-me com cortesia e objetividade, ainda que com alguma condescendência em virtude da minha nacionalidade. Eu sabia que ninguém considerava ter motivos para me invejar. Resumindo: de certo modo, pude sentir-me mais livre do que em liberdade. Contudo, ao mesmo tempo que a minha tranquilidade aumentava, crescia também dentro de mim este estranho labor com o passado, e agora não descansarei enquanto não tiver escrito as minhas memórias de um certo período significativo da minha vida. A possibilidade de escrever foi-me concedida no âmbito da minha atividade científica, sendo que o controlo só é exercido no momento em que entrego um texto terminado. Posso, portanto, permitir-me esse prazer, mesmo que venha a ser o último.

Na altura em que se inicia o meu relato, eu aproximava-me dos quarenta. De resto, se devo apresentar-me, talvez possa falar de como concebo a vida. Há poucas coisas que digam tanto sobre uma pessoa como a imagem que ela tem da vida: se a vê como um caminho, uma batalha campal, uma árvore em crescimento ou um mar revolto. Pela minha parte, via-a com olhos de aluno bem-comportado como uma escada que se subia o mais depressa possível de patamar em patamar, a respiração ofegante e o adversário no nosso encalço. Na verdade, não tinha muitos adversários.

A maioria dos meus colegas de laboratório concentrara toda a sua ambição no campo bélico e considerava o trabalho diurno uma interrupção aborrecida, embora necessária do serviço militar da noite. Dificilmente teria sentido vontade de confessar a qualquer um deles quão mais interessado estava na química do que no serviço militar, apesar de não ser decerto mau soldado. Em todo o caso, continuei a correr escada acima. Nunca havia refletido sobre quantos degraus se teria realmente de deixar para trás, nem sobre que glórias se encontrariam nas águas-furtadas. Talvez imaginasse vagamente a casa da vida como um dos nossos prédios urbanos normais, onde se sobe desde as entranhas da terra até se sair por fim para o ar livre, o vento e a luz do dia no terraço. Não me era, porém, claro a que corresponderiam o vento e a luz do dia no meu percurso de vida. O certo é que cada patamar da escada era assinalado por uma breve mensagem oficial, vinda das altas esferas: um exame passado, um teste superado, a transferência para um campo de atividade mais relevante. Eu já passara por uma série destes pontos de partida e chegada vitais, ainda que não suficientes para empalidecer um novo. Foi, portanto, com uma pitada de febre no sangue que saí do breve telefonema em que me informaram de que poderia esperar a vinda do meu supervisor no dia seguinte e, conseqüentemente, começar a experimentar com material humano. Assim, no dia seguinte, teria a prova final e decisiva da minha maior descoberta até então.

Estava tão empolgado que me era difícil iniciar uma tarefa nos dez minutos que restavam de horário de trabalho. Em vez disso, fiz um pouco de batota — creio que quase pela primeira vez na vida — e pus-me a separar os aparelhos de antemão, lenta e cuidadosamente, enquanto ia olhando de soslaio para os dois lados através das paredes de vidro, tentando ver se alguém me observava. Assim que a campanha anunciou o fim da jornada de trabalho, fui um dos primeiros da torrente de pessoas que se precipitaram para a saída através dos longos corredores do laboratório. Tomei um duche à pressa, troquei a roupa de trabalho pelo

uniforme dos tempos livres, corri para o elevador *paternoster*<sup>1</sup> e, instantes depois, estava na rua. Como nos deram casa no distrito onde trabalhava, tínhamos licença para subir à superfície, sendo que para mim era sempre um prazer esticar as pernas ao ar livre.

Ao passar pela estação de metro, ocorreu-me que poderia esperar pela Linda. Como eu saíra cedo, de certeza que ela ainda não tivera tempo de voltar da fábrica de produtos alimentares, a uns bons vinte minutos de metro. Acabara de chegar um comboio, e um rio de gente jorrava de baixo da terra, espremia-se através das cancelas, onde as licenças de superfície eram verificadas, e escoava-se para as ruas em volta. Espraiando o olhar sobre os terraços agora vazios e todas as lonas enroladas, cinzentas como montanhas e verdes como prados — que podiam tornar a cidade invisível do ar em dez minutos —, contemplei a multidão fervilhante de camaradas soldados de regresso a casa com os seus uniformes de tempos livres; então, veio-me subitamente à ideia que todos eles talvez tivessem o mesmo sonho que eu: o sonho da subida.

Este pensamento apoderou-se de mim. Sabia que no passado, durante o período civil, as pessoas tinham de ser convencidas a trabalhar e a esforçar-se, na esperança de obterem habitações mais espaçosas, comida mais requintada e roupa mais bonita. Hoje, já nada disso era necessário. Um apartamento *standard* — com uma divisão para os solteiros, duas para as famílias — era mais do que suficiente para todos, dos mais humildes aos mais merecedores. As refeições da cozinha do prédio saciavam tanto o general como o soldado raso. Os uniformes comuns — um para o trabalho, outro para o serviço militar e policial — eram iguais para todos, homens e mulheres, de baixa ou alta posição hierárquica, à exceção das divisas. Mesmo estas não eram, na verdade, mais vistosas para uns do que para os outros. O atrativo de uma divisa de alta patente residia apenas no seu simbolismo. Com efeito, pensei

---

<sup>1</sup> Elevador com compartimentos abertos que sobem e descem sem parar, comum nos finais do século XIX e na primeira metade do XX. (*N. do T.*)

com um sentimento de felicidade, a elevação do espírito de cada soldado do Estado Mundial é tal, que aquilo que ele considera o maior mérito na vida já praticamente não tem forma mais concreta do que três galões pretos no braço — três galões que representam para ele uma garantia tanto da sua autoestima como da estima dos outros. Pode certamente obter-se prazeres materiais suficientes, ou mais do que suficientes — é justamente por isso que suspeito de que os apartamentos com doze divisões dos antigos capitalistas civis também não passassem de um símbolo —, mas isto que se persegue sob a forma de divisas, e que é mais subtil do que qualquer outra coisa, nunca satisfaz. Ninguém pode ter tanta estima e autoestima a ponto de não desejar mais. A nossa sólida ordem social assenta, para sempre segura, naquilo que há de mais espiritual, etéreo e inatingível.

Estava eu absorto nestas reflexões junto à boca do metro e, como num sonho, via o guarda andar para trás e para a frente ao longo do muro encimado de arame farpado que delimitava o distrito. Já haviam chegado quatro comboios e, por quatro vezes, uma multidão subira para a luz do dia quando a Linda finalmente transpôs as cancelas. Apressei-me a ir ter com ela e seguimos caminho lado a lado. Naturalmente, não podíamos falar, devido aos exercícios da Força Aérea, que, dia e noite, impediam qualquer conversa no exterior. Em todo o caso, ela viu o meu ar contente e acenou-me em jeito encorajador com a cabeça, ainda que séria, como por norma. Só quando chegámos ao prédio e descemos de elevador até ao nosso andar fomos envolvidos por um relativo silêncio — o atroar do metro, que fazia estremecer as paredes, não era alto o suficiente para que não se conseguisse falar à vontade. Não obstante, adiámos prudentemente a conversa até termos entrado em casa. Se alguém nos tivesse apanhado a falar no elevador, o mais natural era suspeitar de que estivéssemos a discutir assuntos que não queríamos que as crianças ou a empregada doméstica ouvissem. Casos houvera de inimigos do Estado e outros criminosos que tinham tentado usar o elevador como

local de conspiração; de resto, era conveniente, dado que, por motivos técnicos, os olhos e os ouvidos da Polícia não poderiam ser instalados num elevador, e o porteiro costumava ter mais que fazer do que pôr-se à escuta no vão das escadas. Portanto, mantivemo-nos cautelosamente em silêncio até nos encontrarmos na divisão comum, onde a empregada da semana já pusera a mesa para o jantar e aguardava com as crianças, que fora buscar ao piso infantil. Parecia uma rapariga diligente e simpática, pelo que a forma afável como a cumprimentámos não se deveu apenas ao facto de estarmos cientes de que ela, como todas as empregadas domésticas, era obrigada a entregar um relatório sobre a família no final da semana — uma reforma que, em geral, se considerava ter melhorado as maneiras em muitas casas. Em torno da mesa, reinava uma atmosfera alegre e acolhedora, sobretudo porque o nosso filho mais velho, Ossu, estava connosco. Viera do campo infantil para nos visitar por ser a sua noite de licença.

— Tenho uma boa notícia para contar — anunciei à Linda enquanto comíamos a sopa de batata. — A minha experiência chegou a ponto de amanhã poder começar a utilizar material humano, sob a vigilância de um supervisor.

— Quem achas que será? — interrogou a Linda.

Por fora, certamente não se notou, mas por dentro sobressaltei-me com aquelas palavras. Poderiam ser completamente inocentes. Nada mais natural do que uma esposa perguntar quem seria o supervisor do marido! Da mesquinhez ou da complacência do supervisor, dependia a duração do período experimental. Acontecera inclusivamente supervisores ambiciosos terem-se apropriado das descobertas dos seus subordinados, sendo quase impossível uma pessoa defender-se de algo assim. Não era, pois, de estranhar se um próximo perguntasse quem seria.

Contudo, procurei um subentendido no tom da sua voz. O meu superior imediato, e, por conseguinte, o meu provável futuro supervisor, era o Edo Rissen. E o Edo Rissen estivera outrora empregado na fábrica de produtos alimentares em que

a Linda trabalhava. Sabia que os dois haviam tido bastante contacto e vários indícios me levavam a concluir que ele deixara uma certa impressão na minha esposa.

Com a pergunta, os meus ciúmes despertaram e puseram-se a farejar. Quão íntima seria realmente a relação dela com o Rissen? Numa grande fábrica, podia suceder com frequência duas pessoas encontrarem-se longe dos olhos alheios, no armazém, por exemplo, onde pacotes e caixas obstruíam a vista proporcionada pelas paredes de vidro e onde, ainda por cima, era possível que mais ninguém estivesse a trabalhar nesse momento. Além disso, a Linda fora guarda-noturno na fábrica. O Rissen poderia muito bem ter feito a ronda ao mesmo tempo. Tudo era possível, inclusive o pior: ainda o amar a ele, e não a mim.

Naquela altura, eu raramente me punha em causa, não questionando o que pensava e sentia, ou o que os outros pensavam e sentiam, desde que não tivesse uma relevância prática direta para mim. Só mais tarde, durante o tempo solitário que passei como prisioneiro, esses instantes me regressaram à mente como enigmas e me obrigaram a interrogar, interpretar e reinterpretar. Agora, ao cabo de tanto tempo, sei que, ao esperar tão ardentemente uma «certeza» a respeito da Linda e do Rissen, o que eu na realidade queria não era uma confirmação de que não existia qualquer relação entre eles. Queria ter a certeza de que ela se sentia puxada noutra direção. Queria ter uma certeza que pusesse fim ao meu casamento.

Porém, naquela altura, decerto rejeitaria semelhante pensamento com desprezo. A Linda desempenhava um papel demasiado importante na minha vida, ter-me-ia eu convencido. E era verdade, nenhuma ruminação ou insinuação pôde mudar isso desde então. Em importância, ela poderia muito bem ter competido com a minha carreira. Contra a minha vontade, a Linda prendia-me de forma totalmente irracional.

Pode falar-se de «amor» como um conceito romântico antiquado, mas receio que ele exista e contenha desde o início um elemento indescritivelmente doloroso. Um homem sente-se



atraído por uma mulher, uma mulher, por um homem, e, a cada passo com que se aproximam um do outro, cedem uma parte de si mesmos; uma série de derrotas em que se esperavam vitórias. Já no meu primeiro casamento — sem filhos e, portanto, nada que fizesse sentido continuar — eu tivera uma amostra disso. A Linda elevou-o a um pesadelo. Nos primeiros anos de casamento, tive mesmo um pesadelo, embora na altura não o tenha associado a ela: estava de pé na mais profunda escuridão, intensamente iluminado por holofotes; sentia os Olhos postos em mim nas trevas e contorcia-me como um verme na tentativa de escapar, não conseguindo evitar morrer de vergonha em virtude dos trapos indecentes que trazia vestidos. Só mais tarde compreendi que aquela era uma boa imagem da minha relação com a Linda, na qual me sentia assustadoramente transparente, embora de tudo fizesse para me esquivar e esconder, ao passo que ela parecia permanecer o mesmo enigma, espantosa, forte, quase sobre-humana, mas sempre inquietante, porque o seu carácter enigmático lhe dava uma detestável vantagem. Quando a sua boca se estreitava numa fina linha vermelha — não, não era um sorriso, nem de escárnio nem de alegria, podia antes dizer-se uma tensão, como quando se retesa um arco —, no momento em que os seus olhos ficavam perturbadoramente arregalados, eu era sempre atravessado pela mesma pontada de angústia, sentindo-me preso e atraído pela Linda, ainda que pressentisse que ela nunca se abriria comigo. Presumo que seja adequado usar a palavra amor, quando, na ausência de esperança, duas pessoas se agarram uma à outra como se, apesar de tudo, pudesse acontecer um milagre — quando o sofrimento adquiriu uma espécie de valor próprio e se tornou uma prova de que elas têm, pelo menos, uma coisa em comum: a espera por algo que não existe.

À nossa volta, víamos pais divorciarem-se assim que os filhos tinham idade para ingressar no campo infantil — divorciarem-se e casarem outra vez para criar novas ninhadas. O Ossu, o nosso mais velho, tinha oito anos e, portanto, já estava há um ano no

campo. A Laila, a mais nova, com quatro, ainda teria mais três anos em casa. E depois? Também nos separaríamos e voltaríamos a casar, com a ideia infantil de que a mesma espera poderia tornar-se menos vã com outra pessoa? Tudo o que havia de racional em mim me dizia que era uma ilusão enganadora. Uma única pequena esperança irracional sussurrava: não, não... o teu fracasso com a Linda tem que ver com o facto de ela querer o Rissen! Ela perence ao Rissen, não a ti! Certifica-te de que é nele que ela pensa — então ficará tudo explicado e tu continuarás a ter esperança num novo amor com sentido!

Eis quão estranhamente emaranhados foram os pensamentos que a pergunta natural da Linda suscitou.

— Provavelmente, o Rissen — respondi, pondo-me ansiosamente à escuta no silêncio que se seguiu.

— É indiscrição perguntar de que experiência se trata? — interrogou a empregada.

Tinha todo o direito de perguntar; de certa forma, estava ali para se informar do que se passava no seio da família. E eu não conseguia perceber o que poderia ser deturpado e usado contra mim, nem como seria o Estado prejudicado, caso o rumor da minha descoberta se espalhasse antecipadamente.

— É algo que espero poder vir a ser útil ao Estado — disse eu. — Uma droga que faz com que qualquer pessoa revele os seus segredos, tudo aquilo que antes se tinha obrigado a calar, por vergonha ou medo. A camarada é aqui da cidade?

De quando em quando, em tempos de défice demográfico, acontecia cruzarmo-nos com pessoas que haviam sido recrutadas noutros lugares e que, por isso, não possuíam a cultura geral da Cidade Química, para lá do pouco que conseguiam apanhar em adultas.

— Não — retorquiu ela, corando. — Sou de fora.

Era estritamente proibido especificar de onde se vinha, porque essa informação poderia ser explorada pelo serviço de espionagem. Fora obviamente por esse motivo que ela corara.

— Então não vou entrar nos pormenores da composição química nem da produção — disse eu. — De resto, talvez seja melhor evitar o assunto, isto não pode, em nenhuma circunstância, cair em mãos privadas. Mas talvez já tenha ouvido falar de como, antigamente, o álcool era usado para causar embriaguez e dos efeitos que tinha.

— Sim — assentiu ela —, sei que tornava os lares infelizes, prejudicava a saúde e, no pior dos casos, provocava tremores no corpo todo e alucinações com ratos brancos, galinhas e coisas do tipo.

Reconhecendo as palavras dos manuais mais elementares, sorri. Ela claramente ainda não se pusera a par da cultura geral da Cidade Química.

— Exato — disse eu —, era assim nos piores casos. Mas, antes de se chegar a esse ponto, acontecia com frequência os embriagados darem com a língua nos dentes, traírem segredos e cometerem atos imprudentes, porque as inibições e o medo eram afetados. São esses os efeitos da minha droga, creio, porque ainda não terminei de a testar. A diferença é que, em vez de ser ingerida, é injetada diretamente no sangue e, além disso, tem uma composição completamente distinta. Também não causa os efeitos desagradáveis que mencionou; pelo menos, não é necessário administrar doses tão fortes. Posteriormente, o sujeito experimental só nota uma ligeira dor de cabeça e não se esquece do que disse, como por vezes acontecia a quem se embriagava. Como deve compreender, trata-se de uma descoberta importante. De ora em diante, nenhum criminoso poderá negar a verdade. Até os nossos pensamentos mais íntimos deixarão de nos pertencer, como julgámos indevidamente durante muito tempo.

— Indevidamente?

— Sim, indevidamente. As palavras e ações nascem de pensamentos e sentimentos. Como haveriam os pensamentos e os sentimentos de ser um assunto privado? Não pertence um soldado, na sua totalidade, ao Estado? Então, a quem haveriam de pertencer os seus pensamentos e sentimentos senão ao Estado

também? Acontece que não era possível controlá-los, mas agora encontrámos um meio de o fazer.

Ela relanceou-me, mas baixou logo o olhar. Embora a sua expressão não se tenha alterado, tive a impressão de que ela perdeu cor.

— Não tem nenhum motivo para sentir medo — animei-a.  
— A intenção não é expor as pequenas paixões ou antipatias de todos os indivíduos. Se a minha descoberta caísse em mãos privadas, sim, é fácil imaginar o caos que seria! Mas é evidente que isso não acontecerá. A droga será colocada ao serviço da nossa segurança, da segurança de todos nós, da segurança do Estado.

— Não estou com medo, não tenho nada a temer — declarou ela muito friamente, apesar de eu pretender tão-só ser simpático.

Então, passámos a outros assuntos. Os miúdos contaram o que acontecera ao longo do dia no piso infantil. Tinham estado na caixa de brincar, um enorme tanque esmaltado, com mais de quatro metros quadrados e um metro de profundidade, no qual não só se podia deixar cair pequenas bombas de brincar e incendiar florestas e os telhados de material inflamável que delas sobressaíam, como também travar toda uma batalha naval em miniatura, caso se enchesse a caixa de água e se carregasse os canhões dos pequenos navios com o explosivo utilizado nas bombas — e até havia torpedos. Com tais brincadeiras, incutia-se nas crianças uma visão estratégica que, desta forma, se tornava parte da natureza delas, quase um instinto, sendo ao mesmo tempo uma diversão de primeira categoria. Às vezes, invejava os meus filhos por terem a oportunidade de crescer com um brinquedo tão completo — na minha infância, aquele explosivo leve ainda não fora inventado — e não percebia bem porque é que eles, ainda assim, ansiavam com toda a sua alma fazer sete anos e ir para o campo infantil, no qual os exercícios se assemelhavam muito mais a um verdadeiro treino militar e onde se permanecia dia e noite.

Parecia-me amiúde que esta nova geração tinha uma disposição mais realista do que nós na nossa infância. Teria uma nova

prova disso justamente no dia de que estou a falar. Como se tratava de uma noite em família, na qual nem eu nem a Linda tínhamos serviço militar nem policial, e o Ossu, o meu filho mais velho, estava de visita a casa — assim se salvaguardava a vida familiar —, eu pensara numa maneira de divertir os miúdos. Tinha comprado um pedacinho de sódio no laboratório e trouxera-o comigo para o pôr a flutuar em água com a sua chama violeta-clara. Enchemos um recipiente, apagámos a luz e reunimo-nos em torno da minha pequena curiosidade química. Em miúdo, eu ficara maravilhado com o fenómeno, quando o meu pai mo mostrara, mas, com os meus filhos, foi essencialmente um fiasco. Bem, talvez fosse bastante natural que o Ossu, já tendo ateado fogos pela sua própria mão, disparado uma pistola de criança e lançado bombinhas que imitavam granadas, não apreciasse a pequena chama pálida. Porém, espantou-me que a Laila, de quatro anos, também não se interessasse por uma explosão, caso não custasse a vida de alguns inimigos. A única que pareceu cativada foi a Maryl, a minha filha do meio. Imóvel e sonhadora como de costume, seguiu o fogo-fátuo crepitante com olhos arregalados que lembravam os da mãe. E embora a atenção dela me desse algum conforto, deixou-me ao mesmo tempo preocupado. Apercebi-me muito claramente de que a Laila e o Ossu eram as crianças dos novos tempos. A atitude deles era a objetiva e a correta, enquanto a minha se revelava a manifestação de um romantismo antiquado. Apesar da compensação que a Maryl me dava, desejei subitamente que fosse mais como os outros. O facto de ela se encontrar à margem da saudável evolução das gerações não augurava nada de bom.

A noite avançou até serem horas de o Ossu regressar ao campo infantil. Se tinha vontade de ficar ou medo da longa viagem de metro, não o mostrou. Com os seus oito anos, já era um soldado disciplinado. Eu, pelo contrário, fui percorrido por uma vaga de saudades do tempo em que, todas as noites, eles os três se aninhavam nas suas caminhas. Afinal, um filho é um filho, pensei, e é mais próximo do pai do que as filhas. No entanto, não ousava

imaginar o dia em que também a Maryl, também a Laila partiriam e só viriam visitar-nos duas noites por semana. Em todo o caso, tive o cuidado de não deixar transparecer a minha fraqueza. Não havia necessidade de os miúdos um dia se queixarem de um mau exemplo, nem de a empregada doméstica relatar uma postura tibia da parte do pai de família, e a Linda — sobretudo a Linda! Não queria ser desprezado por ninguém, mas muito menos pela Linda, ela que nunca fraquejava.

Então, baixaram-se e fizeram-se as camas para as meninas na sala comum, e a Linda aconchegou-as. A empregada acabara de pôr os restos do jantar e a louça no monta-pratos e preparava-se para se ir embora quando se lembrou de algo.

— É verdade — disse —, chegou uma carta para si, chefe. Deixei-a no quarto de casal.

Um tanto surpreendidos, eu e a Linda examinámos a carta, uma carta oficial. Se eu fosse o chefe de polícia da empregada, tê-la-ia repreendido. Quer se tenha mesmo esquecido por completo ou abstido propositadamente de a abrir, era negligente não verificar o conteúdo de uma carta oficial — afinal, ela tinha todo o direito de a ler. Ao mesmo tempo, porém, fui atravessado pelo pressentimento de que o conteúdo era de tal ordem que devia estar-lhe grato pelo desleixo.

A carta vinha do Sétimo Gabinete do Ministério da Propaganda. E para explicar o que continha tenho de recuar um pouco no tempo.

«A razão sagrada e necessária da existência do Estado é a nossa legítima desconfiança mútua. Quem a questionar, questiona o Estado.»

Leo Kall é um cientista ao serviço do Estado Mundial, país que doutrina fortemente os seus membros e exerce sobre eles uma vigilância cerada, de forma a impedir que desenvolvam pensamentos desviantes ou subversivos. Na sequência do trabalho dedicado que leva a cabo no laboratório, Kall faz uma descoberta extraordinária: um soro que obriga qualquer pessoa a revelar todos os seus pensamentos, mesmo os mais recônditos. A submissão completa encontrara um atalho na invasão do último reduto da resistência: a mente.

Neste romance distópico publicado em 1940, hoje considerado um dos textos mais importantes da literatura sueca, Karin Boye faz uma reflexão sagaz sobre a violência e desumanização que os regimes totalitários impunham aos seus cidadãos.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Ivan Figueiras  
Introdução de David McDuff



*The Swan*, n.º 18  
(1914-1915), Hilma af Klint

© steeve-x-art/  
Alamy Stock Photo/  
Fotobanco.pt



penguinlivros.pt



penguinlivros



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-583-557-7



9 789895 835577